

Rio de Janeiro, 12 de julho de 2017.

Sra. Agnes Callamard

Relatora Especial Sobre Execuções Extrajudiciais, Sumárias Ou Arbitrárias

Gabinete do Alto Comissariadodas Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR)

Palais des Nations

CH-1211 Genebra 10, Suíça

eje@ohchr.org

Ref.: violações de direitos e mortes de crianças e adolescentes em operações policiais no Rio de Janeiro

JUSTIÇA GLOBAL vem, por meio deste informe, apresentar atualização das violações de direitos humanos cometidos pelo Estado brasileiro contra crianças e adolescentes nas favelas e periferias do estado do Rio de Janeiro no contexto do enfrentamento armado das policias ao tráfico de drogas ilícitas. As práticas de execuções sumárias, arbitrárias ou extrajudiciais, já verificadas e constantes dos relatórios elaborados por esta ilustre relatoria persistem e tem atingido de forma preocupante crianças e adolescentes conforme demonstramos em nossa última comunicação.

Crianças e adolescentes moradores de favelas, em sua maioria



negros, tem sido alvo dos projéteis disparados nas chamadas “guerras” nas favelas. A atual situação, no entanto, tem se configurado a partir de uma política de segurança pública no estado baseada no enfrentamento armado e na utilização de equipamentos bélicos de alto impacto, como os chamados “caveirões”¹, que são veículos de grande porte blindados utilizados em táticas de deslocamento e confronto de tropas policiais durante incursões em favelas².

A maioria das mortes de crianças e adolescentes tem acontecido durante operações policiais em áreas pobres do estado. No último dia 04 de julho, Vanessa dos Santos, de 10 anos de idade, foi executada com um tiro na cabeça na porta de casa durante operação policial. Os familiares afirmam que o policial que atirou em Vanessa entrou na casa atirando. A tia da menina em entrevista emocionada³ perguntou

Hoje foi a minha sobrinha, ontem foi a Maria Eduarda⁴ [adolescente morta em escola de Acari, fato relatado em nosso ultimo informe] amanhã vai ser quem?

Menos de 24 horas após a morte da pequena Vanessa na favela Camarista Méier na Zona Norte da capital, Samara Gonçalves, de 14 anos, foi atingida por um tiro nas costas durante o recreio em uma escola na cidade de Belford Roxo, localizada na Baixada Fluminense⁵. Felizmente, Samara tem quadro estável de acordo com as informações do hospital onde socorrida.

¹ Os caveirões, utilizados há mais de dez anos no Rio de Janeiro sempre fora pintados na cor preta, contudo em 2017 as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) ganharam como reforço um veículo blindado na cor branca. <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-12-22/caveirao-branco-sera-usado-em-favelas-com-upp.html>

² Um vídeo amador circula nas redes sociais, onde é possível ouvir forte som de tiros enquanto o veículo blindado passa próximo às casas de uma favela na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. <https://www.youtube.com/watch?v=jU9cAwcmNzQ>

³ <https://oglobo.globo.com/rio/ate-agora-poder-publico-nao-veio-perguntar-se-gente-precisa-de-alguma-coisa-diz-tia-de-vanessa-21556201>

⁴ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/jovem-morta-em-escola-do-rio-sonhava-em-ser-atleta>

⁵ <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-07-05/adolescente-e-baleada-nas-costas-dentro-de-escola-de-belford-roxo.html>

A situação é deveras absurda que chega a atingir grávidas e seus bebês:

- No ultimo dia 03 de junho, Michelle dos Santos, de 25 anos, foi baleada ao sair de uma consulta médica do pré-natal em Nova Iguaçu, cidade também localizada na Baixada Fluminense⁶;
- No dia 30 de junho, Claudinéia dos Santos Melo, de 28 anos, foi baleada em Duque de Caxias outra cidade da Baixada Fluminense. O tiro que atravessou seu quadril deixou seu bebê – de nove meses – paraplégico ainda dentro da barriga. Mãe e bebê seguem hospitalizados⁷.

Como se pode observar a partir dos relatos acima, a implementação das políticas de segurança no estado do Rio de Janeiro, sob a égide da chamada *guerra às drogas*, vem vitimando majoritariamente pessoas negras em regiões pobres – favelas e periferias.

Nesse sentido, a JUSTIÇA GLOBAL vem registrar os novos casos de execução e vitimização de crianças por projéteis de arma de fogo e solicitar a esta Relatoria Especial que cobre do Estado brasileiro respostas no tocante às violações aos direitos humanos de negras e negros, moradores de favelas e periferias, de acordo com os tratados internacionais de direitos humanos ratificados pelo Brasil. Também se solicita seja considerado um posicionamento público, como um aviso de imprensa, com vistas a garantir a

⁶ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/gravida-e-atingida-por-bala-perdida-e-passa-por-parto-de-emergencia-no-rj.ghtml>

⁷ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/bebe-baleado-na-barriga-da-mae-em-duque-de-caxias-perde-parte-dos-movimentos-diz-secretario.ghtml>

implementação de uma política pública de segurança que garanta a vida de crianças e adolescentes.

Agradecemos antecipadamente a atenção dispensada a este informe e permanecemos à disposição para quaisquer informações ou providências que se façam necessárias.

Segue abaixo a cópia do último informe enviado sobre este assunto a essa Relatoria Especial, atualizado nesta oportunidade.

Atenciosamente,



Sandra Carvalho / Guilherme Pontes / Monique Cruz
JUSTIÇA GLOBAL

Rio de Janeiro, 5 de junho de 2017.

Sra. Agnes Callamard

Relatora Especial Sobre Execuções Extrajudiciais, Sumárias Ou Arbitrárias

Gabinete do Alto Comissariadodas Nações Unidas para os Direitos Humanos

(OHCHR)

Palais des Nations

CH-1211 Genebra 10, Suíça

eje@ohchr.org

Ref.: violações de direitos e mortes de crianças e adolescentes em operações policiais no Rio de Janeiro

A **JUSTIÇA GLOBAL** vem, por meio deste informe, apresentar atualização das violações direitos humanos cometidos pelo Estado brasileiro contra crianças e adolescentes nas favelas e periferias do estado do Rio de Janeiro no contexto do enfrentamento armado das policias ao tráfico varejista de drogas ilícitas. As práticas de execuções sumárias, arbitrárias ou extrajudiciais, já verificadas e constantes dos relatórios elaborados por esta ilustre relatoria persistem e tem atingido de forma preocupante crianças e adolescentes conforme relataremos abaixo:

SITUAÇÃO ATUAL SEGURANÇA PÚBLICA

O estado do Rio de Janeiro segue em uma crescente violência urbana, com aumento no número de mortes decorrentes dos confrontos armados cotidianos. Os

tiroteios ocorrem diariamente em várias regiões da cidade, notoriamente nas áreas de favelas e periferias. No último dia 31 de março, a Justiça Global atualizou informações sobre a situação das execuções cometidas por agentes de Estado, notadamente homicídios cometidos por agentes da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), que, de acordo com dados oficiais, foi responsável por grande parte das 182 vítimas fatais das policiais do estado somente nos dois primeiros meses do ano. Somente em março de 2017, o aumento de autos de resistência no Rio de Janeiro, se comparado ao mesmo mês do ano passado, foi de 96,7%, passando de 61 homicídios para 120⁸, o que resulta, em média quatro civis mortos pela polícia diariamente. O incremento de homicídios cometidos por agentes de segurança pode ser constatado em dados oficiais. De janeiro de 2010 a agosto de 2016 foram registrados 3.985 autos de resistência no estado, o que significa que a cada trinta dias pelo menos 50 pessoas foram executadas por policiais⁹.

A situação da segurança pública é extremamente grave, todos os dias as TVs e jornais noticiam longos períodos de intenso tiroteio em diversas regiões da cidade. O resultado desses confrontos tem sido um alto número de mortes, dentre elas crianças e adolescentes.

ALGUNS CASOS

Na manhã do dia 25 de março, José Vieira da Silva Neto, de 17 anos, foi executado no Morro da Providência durante operação realizada pela Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro (PMERJ). De acordo com um morador, o jovem caiu após ser baleado

⁸<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/homicidios-em-enfrentamento-com-policia-dobraram-no-rio-de-janeiro-em-marco> .

⁹<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/mortes-por-intervencao-policial-no-rj-se-aproximam-de-patamar-de-antes-das-upps.ghtml>

e recebeu outros tiros enquanto pedia socorro¹⁰. A polícia afirma que José é um dos três mortos naquele dia e que todos seriam traficantes. A PM justificou as mortes, argumentando que os rapazes teriam atirado nos policiais, justificativa que historicamente é utilizada pelo Estado para garantir aceitação pública das mortes decorrentes de intervenção policial, ou como são conhecidos “autos de resistência”, figura jurídica criada durante a ditadura empresarial-militar brasileira para impedir a responsabilização dos militares envolvidos nos crimes.

Cinco dias depois, a menina Maria Eduarda Alves da Conceição, de 13 anos, morreu atingida por tiros de fuzil, na Escola Municipal Daniel Piza, em 30 de março. A escola onde aconteceu a tragédia está localizada entre os bairros de Acari, Pavuna e Costa Barros, bairros que tem figurado nas páginas dos jornais todos os dias por conta dos episódios cotidianos de violência. Na região atua o 41º Batalhão da Polícia Militar (BPM), conhecido por liderar mortes de civis. Policiais do 41º BPM se envolveram em casos de repercussão internacional, como a execução de cinco jovens de Costa Barros, que tiveram o carro fuzilado com 111 tiros disparados, em 28 de novembro de 2015¹¹.

Inicialmente, as notícias sobre o homicídio da estudante Maria Eduarda Alves da Conceição davam conta de que a menina havia morrido vítima da chamada “bala perdida”, mas para a família ela foi atingida por pelo menos três tiros disparados por PMs. Em entrevista o irmão de Maria Eduarda afirmou: “bala perdida? Como que é uma bala perdida com quatro perfurações no corpo da minha irmã? Quatro perfurações! Bala perdida se fosse um tiro! Entendeu? Foi uma execução! Eles executaram dois meliantes¹² e executaram a minha irmã!”¹³. Na mesma tarde, dois

¹⁰ <http://ponte.cartacapital.com.br/pm-mata-adolescente-no-morro-da-providencia-no-rio/>

¹¹ <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/12/pms-atiraram-111-vezes-com-fuzil-e-pistola-contrajovens-no-rj.html>

¹² Na mesma tarde de 30 de março, na frente da escola em que Maria Eduarda foi morta, moradores do entorno filmaram com celular a execução de dois jovens (Júlio Cesar Ferreira de Jesus e Alexandre dos Santos

PMs foram flagrados em frente à escola executando dois jovens. Levantamento divulgado pela imprensa nos dias subsequentes mostra que os dois policiais estavam envolvidos em 37 autos de resistência desde 2011¹⁴, o que aponta para uma não responsabilização do estado para as mortes de civis por agentes da segurança pública. Sobre a morte de Maria Eduarda, o major Ivan Blaz, relações públicas da Polícia Militar do Rio de Janeiro, afirmou que a morte de Maria Eduarda era um “dano colateral”¹⁵.

No dia 22 de abril, às 6h da manhã, Gustavo da Silva Nascimento, 17 anos, foi morto com um tiro na nuca, quando se dirigia ao trabalho. Morador do Complexo do Alemão, pela falta de transporte, decidiu seguir caminhando até a padaria onde trabalhava como balconista, em uma favela vizinha, chamada Fazendinha. O irmão mais velho de Gustavo afirmou que naquele dia o tiroteio começou às 5h40 da manhã e que seu irmão chegou a se abrigar em uma viela para fugir dos tiros, mas morreu com um tiro na nuca. Na tarde daquele mesmo dia, um soldado do Exército Brasileiro, morador do Morro do Alemão, uma das favelas do Complexo de mesmo nome, Bruno de Souza, de 24 anos, morreu após ser atingido com um tiro na virilha¹⁶.

Dois dias depois, em 24 de abril, outro adolescente, Paulo Henrique de Oliveira, de 13 anos, morreu ao ser atingido por um tiro na barriga, quando saía de casa, na

Albuquerque) por PMs: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/03/pms-acusados-de-execucao-no-rio-sao-presos-e-autuados-por-homicidio.html>

¹³<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/e-muito-doloroso-diz-irma-de-menina-morta-baleada-dentro-de-escola-no-rio.ghtml>

¹⁴<http://extra.globo.com/casos-de-policia/pms-flagrados-executando-dois-homens-sao-envolvidos-em-37-autos-de-resistencia-21141468.html>

¹⁵<http://radioagencianacional.ebc.com.br/geral/audio/2017-03/policia-militar-afirma-que-morte-de-adolescente-no-rio-foi-dano-colateral>

¹⁶<http://extra.globo.com/casos-de-policia/hoje-nao-tem-hora-para-tiro-na-favela-lamenta-irmao-de-jovem-morto-no-complexo-do-alemao-21242846.html>

localidade conhecida como Chuveirinho, também no Complexo do Alemão¹⁷. O menino foi socorrido, mas não resistiu ao ferimento¹⁸.

Mais dois dias se passaram, e no dia 26 de abril, outro adolescente, de 16 anos, foi assassinado¹⁹. Felipe Farias Gomes de Souza foi executado com um tiro na nuca por policiais, após uma manifestação organizada por moradores na Av. Itaoca. Chamada "Manifestação Pela Vida", a mobilização se deu justamente em repúdio à morte de Paulo Henrique, ocorrida dois dias antes²⁰ também no Complexo do Alemão. Em entrevista a um jornal do Rio de Janeiro a mãe de Felipe Farias afirmou que:

"Eu queria perguntar o porquê que mataram o meu filho brutalmente. Ele não é bandido. Eu trabalhei, criei meus filhos dignamente. Meu filho olhou a manifestação, viu a confusão, correu para o beco e deram um tiro na nuca dele. Porque que eles não procuram saber quem são as pessoas para depois atirar? O Estado vai pagar por isso. Eles vão pagar caro, nem que eu tenha que ir ao inferno."

Os breves relatos realizados acima são uma pequena mostra do que as favelas e periferias do Rio de Janeiro vêm presenciando cotidianamente. As crianças e adolescentes vítimas de projéteis de arma de fogo são muitas, na mesma semana em que finalizávamos este informe, um menino de 12 anos foi atingido por um projétil na perna em uma suposta troca de tiros no município de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, felizmente o menino fora socorrido, medicado e não corre perigo de morte²¹.

¹⁷<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-04-25/morre-adolescente-baleado-no-complexo-do-alemao.html>

¹⁸<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-04-25/morre-adolescente-baleado-no-complexo-do-alemao.html>

¹⁹<http://extra.globo.com/casos-de-policia/mataram-meu-filho-brutalmente-diz-mae-durante-enterro-de-jovem-morto-no-alemao-21273446.html>

²⁰<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2017/04/27/menino-de-16-anos-morre-depois-de-ser-baleado-no-complexo-do-alemao-no-rio/>

²¹<http://extra.globo.com/casos-de-policia/menino-de-12-anos-baleado-durante-tiroteio-entre-pms-bandidos-em-nova-iguacu-21280416.html>



Na quarta-feira, 3 de maio, outra adolescente também de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, foi assassinada durante uma operação policial na Favela Danon. Taissa Sabino Nogueira, 17 anos, foi atingida enquanto estava no portão de casa²². A Polícia Militar informou a um jornal de grande circulação que somente teve notícia da morte da jovem após o fim da operação. Nesta mesma operação, Washington Marcelino Trindade, que não teve sequer a idade divulgada, foi executado.

Todos os casos aqui relatados tem um perfil semelhante: são crianças e adolescentes negros, moradores de favelas e periferias, indicando que assim como os adultos, formam a maioria das vítimas de homicídios e execuções sumárias no país. De acordo com o Mapa da Violência de 2016²³, que se baseou em dados de 2013, os números de assassinatos de crianças e adolescentes negros são 178% maiores que de brancos. Do conjunto da população na faixa etária até os 17 anos, em 2013, a taxa de homicídios de brancos foi de 4,7 por 100 mil habitantes e de negros 13,1 por mil²⁴.

Além dos homicídios, atribuídos por familiares a policiais militares, as operações seguem acontecendo de forma concomitante em horários de grande circulação, de saída da escola, e acabam vitimando pessoas aleatórias moradoras dessas áreas, por conta dos intensos tiroteios registrados nos locais. A própria Polícia Militar constatou que os tiroteios em favelas que contam com Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) aumentaram 13.746% em cinco anos, entre 2011 a 2016²⁵. O dado, por si só, revela que UPPs só acirraram a violência nas favelas e periferias, causando um grande número de vítimas civis.

²²<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/adolescente-morre-atingida-por-bala-perdida-na-porta-de-casa-em-comunidade-da-baixada-fluminense-04052017>

²³<http://www.mapadaviolencia.org.br/>

²⁴<http://flacso.org.br/?p=16212>

²⁵<http://extra.globo.com/casos-de-policia/tiroteios-em-favelas-com-upp-aumentam-13746-em-cinco-anos-21261711.html>



Esses episódios que tem gerado um aumento no número de mortes de crianças e adolescentes por armas de fogo causam também um impacto na vida dos moradores desses locais de forma irreversível. Nesses dias de confronto, escolas, postos de saúde e outras instituições públicas ficam fechadas, como foi o caso da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), da Fundação Oswaldo Cruz, que recentemente parou suas atividades por conta da violência armada nos territórios de seu entorno (Manguinhos, Mandela, Varginha, Vila do João, entre outras)²⁶. Em matéria divulgada no site da escola federal, chama-se atenção para a paralisação da instituição de ensino, pesquisa e sobre o medo dos confrontos cotidianos, criticando a forma como está implementada a política de segurança pública no Rio de Janeiro:

“Nos últimos meses, esse tem sido o cotidiano da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), unidade técnico-científica da Fiocruz, instituição pública federal de ensino e pesquisa. E essa é apenas uma pequena parte da rotina de medo, risco e adoecimento a que 12 mil moradores da região de Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro, está submetida regularmente. “A gente está vivendo um momento excepcional de **recrudescimento dessa ‘política de segurança’ executada nos territórios vulnerabilizados, nas favelas, nas comunidades mais pobres. A polícia entra atirando, os traficantes revidam e quem estiver no meio do caminho que se vire** para não ser atingido”, denuncia o diretor da EPSJV/Fiocruz, Paulo César Castro Ribeiro²⁷.” (Grifos nossos)

O que se pode constatar a partir dos relatos é que o risco iminente de morte para moradores de regiões de favela e periferia tem contribuído para outras gravíssimas violações de direitos, como é o caso o direito à educação, à saúde, ao lazer. A cada novo episódio de violência as escolas, postos de saúde e áreas de lazer das regiões próximas são fechadas ou suspendem aulas, como foi exemplificado acima. Crianças e adolescentes tem sofrido inúmeras violações de direitos por conta das ações de segurança pública, e em muitos casos viram alvos de tiros, a maioria na nuca, o que configura por si só prática de execução.

²⁶ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/no-rio-fiocruz-suspende-atividades-em-escola-politecnica-devido-violencia>

²⁷ <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/acontece-na-epsjv/violencia-paralisa-aulas-e-atividades-na-fiocruz>

A **JUSTIÇA GLOBAL** vem por meio deste informe não só registrar a gravidade da situação do Rio de Janeiro, mas requerer a essa relatoria que cobre do Estado brasileiro o respeito aos direitos humanos de negras e negros, moradores de favelas e comunidades, à legislação interna e aos tratados internacionais de direitos humanos ratificados pelo Brasil.